

Relatório da Polícia Federal lança dúvidas sobre tese da defesa de Valentina

O relatório da Polícia Federal que levou o juiz Ronaldo Valle a decretar a prisão preventiva de Valentina de Andrade, no último dia quatro, embarça ainda mais a tese dos advogados de defesa da líder da LUS de que ela não usou o nome falso de Valentina Munhoz quando se hospedou no Best Western Panamby Hotel, em São Paulo, onde passou a noite no dia dois deste mês, e nem tentou fugir a Buenos Aires na companhia de um casal de argentinos. O mesmo Wagner Rubén Muñoz, de 34 anos, que seria o marido da acusada, estava com ela, mas não passou a noite com Valentina no hotel. Ele dividiu o quarto 409 com a argentina Cláudia Marcela Farciglia, enquanto Valentina, à beira dos 72 anos, ficou no 411, conforme demonstra o registro do estabelecimento, anexado ao documento da PF. O relatório consta no processo de decretação da prisão preventiva de Valentina.

O relatório narra detalhes da tentativa de fuga de Valentina, inclusive o uso de quatro táxis diferentes e de um veículo particular para fugir dos agentes federais que estavam no encalço do trio, logo após a tentativa de embarque. O documento é assinado pelo chefe do Departamento da PF da Delegacia Especial do Aeroporto de Guarulhos, Júlio Atanasov. O relatório levou Valle a concluir que "os argumentos da defesa não são sustentáveis", mesmo diante de duas certidões que comprovam o casamento de Valentina com Wagner Muñoz no ano 2000, cerca de cinco meses após ter ficado viúva do argentino Jose Terruggi. Uma passagem apresentada pela defesa indica que Valentina estava chegando ao Brasil vinda da Argentina e não o contrário.

A PF apurou que Wagner e Cláudia chegaram ao Brasil no dia primeiro deste mês, quando se encontraram com Valentina. Os três

deram entrada no hotel no mesmo horário, à 1h09 da manhã e também saíram juntos, às 7h05. Na hospedagem, Valentina se identificou como Valentina de Andrade Munhoz, com a escrita diferente do sobrenome do então marido Wagner.

Às 9 horas, os três tentaram embarcar para a Argentina, no voo 8.011 da Varig. Valentina usava o sobrenome de Andrade Terruggi. Os policiais identificaram a presença da acusada a tempo de impedir o embarque, mas Valentina e o casal argentino conseguiram se evadir do local. Inclusive, abandonando as carteiras de identidade no aeroporto. No documento de Valentina, expedido pela Secretaria de Segurança Pública do Paraná em 1991, consta o sobrenome apenas de Andrade.

Na fuga, a PF identificou o uso consecutivo de quatro táxis que os levaram até o Morumbi. No per-

curso, pararam duas vezes para telefonar de orelhões públicos. Os taxistas descreveram posteriormente que os passageiros demonstraram preocupação e que a pessoa mais velha (Valentina) se manteve recostada ou abaixada no banco dos veículos.

No Morumbi, testemunhas apontaram que o trio foi acolhido por um homem que dirigia um Fiat Tipo, cor cinza e placa CAA-9150, seguindo para local incerto. O carro pertence a Josephina Beyrute Wassef, mas, conforme foi apurado, costuma ser dirigido pelo filho de Josephina, Fábio. Coincidentemente, o sobrenome Wassef também é usado pelo principal advogado de Valentina, Frederick, de São Paulo. A descrição de Fábio conferiu com a do homem que transportou Valentina e os argentinos, conforme aponta o relatório. No endereço da dona do carro, até o porteiro negou-se a dar informações aos policiais.

 5.175